



DA CULTURA DO IMPRESSO ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM UMA BIBLIOTECA PATRIMONIAL

FROM THE PRINTED CULTURE TO THE INFORMATIONAL PRACTICES IN A PATRIMONIAL LIBRARY

Elizabeth Aparecida Duque Seabra 

¹ Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, Portugal.

E-mail: elizabeth.seabra@ufvjm.edu.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 30/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 101-120, maio 2019. DOI:

<https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41146.101-120>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao grupo de Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais que teve por objeto uma Biblioteca subordinada à administração regional

do Iphan, abrigada em um edifício tombado desde 1954, a Casa do Muxarabiê, localizada no centro de Diamantina, Minas Gerais. A biblioteca é analisada a partir do conceito de *práticas informacionais* engendradas pelos usuários que a frequentam (estudantes, turistas e pesquisadores) e seus profissionais em suas ações cotidianas, experiências e aprendizagens. A investigação utiliza como estratégias metodológicas a pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com diferentes usuários. A partir da análise documental e das falas dos usuários estabelece-se questionamentos em relação ao lugar social da biblioteca como parte da paisagem e patrimônio da cidade. Postula-se que a relação entre instituição e usuários desencadeia práticas de produção de conteúdos informacionais diversificadas. Destaca-se como resultado da pesquisa que esta instituição não apresenta em suas ações cotidianas uma separação rígida entre as funções de arquivo, biblioteca e museu e, não se exhibe claramente aos diferentes públicos com todas as potencialidades educativas decorrentes da riqueza de linguagens documentárias e de seus conteúdos específicos estando aberta a novas práticas informacionais.

Palavras-chave: Estudos de usuários. Práticas Informacionais. Diamantina. Biblioteca Antônio Torres.

ABSTRACT

The main objective of this article is to introduce and discuss the results of a postdoctoral study made alongside with EPIC group - Studies in Informational Practices and Culture the in Information Science of Federal University of Minas Gerais. The object in question is a library

associated with Iphan's regional administration, and it is located in a building in the center of Diamantina, which was recognized as a national monument in 1954, the Muxarabiê house. The library is analysed through a concept of *informational practices* developed by its users (students, tourists and researchers) and its professionals, through their daily actions and learning experiences. The analysis uses documental research and semistructured interviews with the varied users as a methodological strategy. The questionings of the library's social role as part of the city landscape and heritage are established through the documental analysis and the users testimonies. It is postulated that the relationship between institution and user triggers varied practices of

informational content production. The fact that this institution does not present a strict separation between functions of archive, library and museum in its daily actions is highlighted as one of the results of the research. In addition to that, the library does not present itself to its different publics with all the educational potential of the documental languages and its specific contents, being opened to new informational practices.

Keywords: User studies. Informational practices. Diamantina. Antônio Torres library.

1 INTRODUÇÃO

Infelizmente, ao longo do ano de 2018, enquanto participava das atividades do grupo de pesquisa EPIC (Estudos em Práticas Informacionais da Escola de Ciência da Informação da UFMG) só pude conviver com a professora Adriana Bogliolo em duas ocasiões. A primeira reunião do grupo EPIC da qual participei foi em sua casa e comemoramos seu aniversário e seu retorno do pós-doutorado. O último encontro foi de despedida. Senti ao longo do ano sua presença por meio de seus orientandos externada na preocupação com sua saúde. Foi um ano de muita expectativa de sua melhora. Eu pensava que a qualquer momento ela retornaria e eu poderia discutir com ela minha pesquisa sobre a biblioteca Antônio Torres. Foi um breve intervalo no qual senti a sua presença na ausência. Registro aqui minha saudade e peço licença para comunicar um pouco da pesquisa realizada.

Este artigo resulta do processo de reflexões sobre minhas experiências profissionais e de pesquisa no campo da História e da Educação em relação ao campo epistemológico da Ciência da Informação. Em especial, com as possibilidades teóricas dos estudos de usuários na perspectiva das práticas informacionais de modo a dialogar com uma pesquisa empírica sobre usuários de uma biblioteca patrimonial existente desde meados do século XX na cidade de Diamantina-MG. A questão central que perpassa todo o trabalho é discutir em que medida os “modelos” de práticas informacionais podem responder a cenários e processos históricos como o de uma biblioteca patrimonial.

Uma biblioteca que comemora 65 anos e tem seu acesso por uma escadaria em um largo comercial do centro de Diamantina identificada por uma pequena placa que avisa que ela “disponibiliza para a pesquisa acadêmica diversos documentos do século XVIII, XIX e XX”. Junto à porta o horário de funcionamento, dividido ao longo da semana, entre aberto para “Pesquisa e/ou Visitação”. A pesquisa na Biblioteca Antônio Torres implicou em visitar os “paradigmas da Ciência da Informação”, no entrelaçamento entre o “físico, o cognitivo e o social”, se pensarmos a partir da lógica do *usuário da informação* e observarmos aspectos das materialidades de suas práticas.

O uso do termo do usuário para esta biblioteca parece incluir os seus vários sujeitos. Aqueles que cumprem uma rotina de trabalho, aqueles que prestam serviços de higienização e conservação, de limpeza, outros que para lá se dirigem para realizar pesquisas acadêmicas, outros que também a procuram por lazer, numa dispersão de experiências, para conhecer o Muxarabiê.

O primeiro movimento foi deslocar o problema de pesquisa da instituição biblioteca para um conjunto de *práticas informacionais* e fazer um percurso da cultura do impresso para os usuários. A aproximação com as práticas informacionais, a partir da história da uma biblioteca e dos vestígios deixados por diferentes usuários em relação aos seus acervos, implica em considerar como são produzidas e circulam em um prédio de musealizado de uma cidade colonial mineira práticas sociais situadas.

Uma abordagem das práticas informacionais provoca posicionamentos sobre o processo dinâmico e emergente de uma polifonia - um fluxo contínuo de informações entre os sujeitos e a materialidade - de modo a entrelaçar os registros, categorizações, construções de significado entre o acervo da biblioteca e seus usuários.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: UMA EPISTEMOLOGIA PRÁTICA

Este trabalho não pretende realizar um balanço das principais tendências, abordagens e recortes teórico-metodológicos em relação ao campo dos Estudos de Usuários. Considerar as teorias existentes em uma revisão de literatura, tentando localizar e selecionar, entre as várias abordagens contemporâneas, aquelas pertinentes à análise pretendida, é um trabalho já realizado de maneira competente por autores como

Cunha (1981), Araújo (2009; 2012; 2013), Rolim e Cedon (2013), Moreira e Duarte (2016), Figueiredo (1994), dentre outros. Cabe definir e indicar, frente as inúmeras possibilidades, as escolhas tomadas para evidenciar o problema de pesquisa e dar encaminhamento adequado nos marcos dos Estudos de Usuários na Ciência da Informação.

Araújo *et al.* (2018, p. 209) apontam que com a instauração do “paradigma social” o conceito de informação passou a ser visto de modo intersubjetivo e de dentro de um contexto ou “regime de informação”, em oposição ao conceito físico e cognitivo da informação. Tornou-se, portanto, o local de encontro e de diálogo entre as correntes teóricas consideradas como campos autônomos de conhecimento, a arquivologia, a museologia e a biblioteconomia, ainda que com percursos históricos distintos (CAPURRO, 2003; GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2012).

Esta aposta no campo da Ciência da Informação como uma ciência interdisciplinar tem sido capaz de oferecer aportes para diferentes subáreas de pesquisa, em especial para os Estudos de Usuários, que se aproximam empiricamente dos três campos das “ciências dos acervos” a partir do conceito de informação. Na pesquisa empírica com os usuários de diferentes idades e formações acadêmicas é possível perceber como eles identificam, dialogam e apontam, em suas experiências com os documentos bibliográficos, arquivísticos e museais, a questão do fundamento social, ou do peso da herança patrimonialista dessa cultura e memória social.

Ao escolher a abordagem social também se assume uma opção por uma amostra qualitativa e descritiva na pesquisa empírica. Nesse artigo, trabalhamos com um recorte a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro usuários, escolhidos frente a uma tipologia definida pela própria instituição/biblioteca, e um desenho flexível da pesquisa documental, considerando as possibilidades oferecidas pelas leituras dos documentos internalistas, aqueles produzidos pela própria Biblioteca – os Livros de Registro de Visitantes, os inventários e catálogos. Também nos valem de observações assistemáticas das práticas dos diversos sujeitos (usuários) da Biblioteca. Como investigadora de certa maneira externa, à medida que não realizo habitualmente pesquisas no ambiente escolhido, mas visitas com estudantes da educação básica, o trabalho teórico-metodológico implicou em uma codificação aberta e em categorias de análise ou de compreensão dedutivas (GONZÁLEZ-TERUEL, 2012). A observação, a pesquisa documental e as entrevistas se realizaram entre os meses de junho e julho de

2018. A visita com estudantes foi realizada em julho de 2017 e orientou a elaboração da primeira versão de um projeto de pesquisa.

Cabe também explicitar a adesão dessa pesquisa a uma abordagem que entende o conhecimento como parte de um agir cotidiano, um fazer que é uma das modalidades de saber. Neste caso, esta abordagem se afasta daquelas que dividem e classificam numa ordem hierárquica o senso comum, o conhecimento científico, o filosófico, o artístico, o religioso e o mítico, restringem o conhecimento ao saber científico e defendem uma linguagem acadêmica que se afasta do nível da ação e fixa-se na dimensão da representação. Aqui o agir cotidiano e o fazer, entendidos como as *práticas informacionais* dos usuários, são considerados como modalidades de fazer e conhecer. O conhecimento envolve o entendimento e a sensibilidade numa tentativa de romper com a concepção presente tanto na cotidianidade quanto no fazer científico, em que o agir e o fazer são opostos ao conhecer. Este enfoque para pensar os estudos de usuários demanda uma abordagem interdisciplinar em suas teorias e empirias, mantendo no horizonte de expectativas a ideia de que as reflexões teóricas fundadoras do campo também possibilitam uma epistemologia prática, uma vez que consideram a possibilidade de diálogo entre os campos da ação e da representação (PAVIANI, 2013, p. 18).

A problematização de um objeto empírico a partir do chamado “paradigma social” é um trabalho de “contextualizar” ou “recontextualizar” a informação sob o prisma de seus produtores e do cenário no qual estão inseridos. É necessário historicizar a relação teoria/prática que produz a informação considerando que o conteúdo e o conceito são compreendidos numa relação tensa com uma série de critérios de seleção e valores, numa dinâmica de continuidades e discontinuidades temporais e no momento de seus usos por sujeitos específicos. As fontes do cotidiano e as experiências individuais não devem ser alocadas imediatamente no “contexto social”, ou em um passado prefigurado. Segundo Certeau (1994), há no cotidiano uma dimensão epistemológica que nomeia, corta, codifica e enquadra as experiências. Investigar essa pequena história em contraponto aos grandes fatos da “grande história” é remontar aos lugares privilegiados das lutas sociais e aos aspectos de esperanças e significações que foram invisibilizadas numa totalidade abstrata.

Frente às limitações de um método apropriado para capturar uma experiência subjetiva dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-

cultural (ARAÚJO, 2009, p. 203), parece imperativo discutir conceitos de experiênciaⁱⁱⁱ capazes de envolver práticas de rememoração, seleção, esquecimento e atualização de conceitos, expressão de identidades e a construção de valores de pertencimento a uma comunidade de sentido ou uma tradição.

Paulo Freire, em *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*ⁱⁱⁱ, oferece uma inspiração para pensar o conceito de experiência que permite uma leitura das vivências dos sujeitos para impulsionar emancipações. Com isso nos dá a chance de repensar nossas próprias concepções epistemológicas e políticas admitindo a reconstrução do conhecimento a partir da realidade concreta das classes populares e de uma crítica da modernidade, como concepção linear, e da crítica da razão, que seria capaz de domesticar as subjetividades e experiências individuais ou coletivas.

A questão metodológica colocada para o campo dos Estudos de Usuários sofre, nessa perspectiva, uma alteração significativa. Segundo González-Teruel (2012), o enfoque nos sujeitos informacionais pode ser fundamentado nas características da própria metodologia qualitativa, o que implica em orientar-se pela ideia de intersubjetividade e multiplicidade da própria realidade diferentemente do enfoque das pesquisas quantitativas que buscam objetivar e unificar a realidade. O “contexto” é o lugar onde os sujeitos estão e atribuem significados às suas ações, não o laboratório. O investigador interage com o investigado e não se aliena de sua experiência. Os resultados da pesquisa são de interesse comum e permitem compreender as singularidades dos processos de investigação sem generalizações e preleções. Tais pesquisas dedutivas constroem categorias e dados e existem inúmeras formas de fundamentá-las conceitualmente. Do ponto de vista dos estudos sobre a documentação, são estratégias flexíveis que canalizam processos de investigação e construção teórica partindo de dados reconhecidos por meio do enfoque qualitativo-dedutivo (GONZÁLEZ-TERUEL, 2012).

Todavia, a crítica às teorias da representação, à medida que elas dificultam a visibilidade das vivências dos sujeitos como parte de suas explicações sobre o social, não nos leva necessariamente a um outro lugar analítico menos ingênuo em suas explicações que nos ajudaria a não cometer outros erros na pesquisa. A proposição de um roteiro que considere os usuários sujeitos de práticas informacionais é ainda um desafio a ser enfrentado com os limites metodológicos aqui apresentados.

A bibliografia sobre os Estudos de Usuários na Ciência da Informação indica que essa temática tem início com pesquisas empíricas nas bibliotecas norte americanas nos

anos de 1930 e sofre uma intensificação na Inglaterra da década de 1970, quando se consideram abordagens sobre os “usos da informação por determinados grupos e as “necessidades” de caracterizar o indivíduo usuário da informação. Frente a toda esta tradição de investigação, quando avaliamos instituições brasileiras concretas verificamos que as práticas de pesquisa estão muito distantes de suas realidades. No Caso da Biblioteca Antônio Torres, não há nenhum estudo sobre a instituição ou seus usuários. O que pode sugerir que mesmo as abordagens mais tradicionais sobre os usuários poderiam contribuir para um “conhecimento, o aperfeiçoamento, e o entendimento das relações e distribuição de recursos de sistemas de informação e tantos outros aspectos direta ou indiretamente relacionados à informação” (PINHEIRO, 1982, p. 5).

O conceito de usuário resulta de longa tradição de pesquisas no campo da Ciência da Informação e é objetivado em diferentes públicos, sujeitos e interações nos processos de recriação empírica dos objetos de pesquisa. O usuário é sujeito histórico, que estabelece fronteiras entre sua identidade e as diferenças dos cenários em que se inscreve. Mais que sustentar que o usuário é uma classe, uma quantidade, uma ordem, ou quaisquer outras categorias, a proposição aqui defendida é o que o usuário é sujeito de experiência e que dialoga com os produtos da informação e cria práticas sociais de significação.

Aproximar as linhas de investigação do universo das práticas cotidianas nas instituições pode ser feito não procurando reconstituir um *déficit* de pesquisas, mas situar estes novos estudos a partir das experiências dos indivíduos ou grupos cujos cenários de busca, gestão, difusão e uso da informação se apresentam frente aos sistemas (virada cognitiva) com base na ideia de comportamento informacional. Trata-se de uma perspectiva que condiciona a maneira como a informação é interpretada e usada ao próprio mapa do usuário, que gera ele mesmo modelos teóricos, justificativas, intervenções e metodologias para validar suas práticas informacionais e transformar-se em provedor de seu próprio conhecimento.

A realidade dos usuários pode ser pensada frente aos instrumentos e políticas das instituições, como se afetam mutuamente e como as atividades dos profissionais conformam determinadas práticas, observadas e compreendidas nas condições específicas no qual acontecem e sem a pretensão de controlar ou aplicar tais resultados em outros contextos. Se o usuário desenvolve habilidades de leitura de fontes

documentais, como os jornais do século XIX, por exemplo, este mesmo contexto que lhe permite uma “competência” limita uma leitura mais ampla e o acesso a outras fontes de informação. Explicar a relação do usuário com a instituição não é explicar um fenômeno isolado, mas também não é compreender e controlar todo o fenômeno e o seu entorno.

É importante destacar que as teorias sociais ligadas a fundação e desenvolvimento da Biblioteconomia, como o behaviorismo, o funcionalismo, o estruturalismo, o pragmatismo, o construtivismo e o interacionismo, cada um com uma maneira de considerar o usuário, não deixaram de existir nos universos de formação acadêmica e menos ainda de orientar práticas sociais em determinadas instituições. Permanecem como formas de “redimensionamento histórico-social dos estudos de usuários, política de acervo, uso das fontes de informação, elaboração de produtos e serviços de informação, preservação da memória etc. aplicados em bibliotecas e outros ambientes de informação” (SILVA, 2018, p. 33).

Esta perspectiva de biblioteconomia social nos interessa à medida que defende o foco nos sujeitos e implica reconhecer sua autonomia. É o usuário quem constrói suas próprias informações por meio das *práticas informacionais* (mediações, políticas, programas, projetos, eventos, estudos, pesquisas, visitas, serviços, produtos, tecnologias da informação). É importante enfatizar que as práticas informacionais institucionais, defendidas pela biblioteconomia social, não comparecem apenas aos lugares clássicos como as bibliotecas físicas. Podem estar em qualquer lugar em que estejam os sujeitos informacionais (escolas, universidades, ambientes de trabalho, lazer, residência etc.), primando pela multiplicidade e opção do acesso presencial e/ou virtual.

O usuário entendido como um sujeito, não um objeto ou uma ação genérica, se apresenta assim como o ator principal, possui interesses e conhecimentos tácitos e é socialmente constituído, elabora perguntas, respostas e caminhos para suas demandas. O protagonismo na ação do usuário cria significados complexos e dinâmicos. O postulado das práticas informacionais procura dar uma dimensão intersubjetiva a própria informação de maneira que as identidades dos usuários e os usos socialmente constituídos liguem-se diretamente às experiências dos sujeitos.

3 BIBLIOTECA, ARQUIVO OU MUSEU: DA INVISIBILIDADE DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES À VISITAÇÃO AO MUXARABIÊ

O Jornal *Voz de Diamantina* noticiava em uma pequena nota, em agosto de 1954, a criação da Biblioteca Antônio Torres associada ao nome de Juscelino Kubitschek, então governador de Minas Gerais, que havia defendido junto à Câmara dos Deputados a proposta de criação da Biblioteca e do Museu do Diamante. O nome Antônio Torres aparece como uma homenagem ao escritor e diplomata diamantinense.

A multiplicidade do acervo documental da Biblioteca constituído de parte arquivística e de parte bibliográfica testemunha a cultura do impresso entre os séculos XIX e XXI. Os documentos cartoriais dos séculos XIX e XX são bastante consultados por pesquisadores profissionais. A biblioteca possui 8.185 documentos do 1º e 2º Ofício entre os períodos de 1781 a 1959 organizados em 299 caixas. Conta também com 164 Livros de Registro do 1º, 2º e 3º Ofícios do período de 1806 a 1902. Século XX: Possui 15.234 do período de 1832 a 1978 organizados em 493 caixas.

Os documentos particulares, ao todo seis arquivos, são os menos consultados. Arquivo de Antônio Torres: 241 documentos de 1826 a 1934; Arquivo Godofredo Filgueiras Filho: 25 documentos de 1929 a 1983; Arquivo Cônego Severiano Campos Rocha: 09 documentos sem data; Arquivo José Teixeira Neves: 145 documentos de 1945 a 1968; Arquivo Delenda Carthago: 06 documentos de 1910 a 1911; Arquivo Ciro Arno: 02 documentos sem data. Partituras: Cerca de 200 partituras de 1877 a 1908. Iconografia: Cerca de 14 estampas de 1899 a 1960.

Os jornais são um total de 88 títulos, totalizando mais de 3224 exemplares todos em papel, sem qualquer tratamento em meio digital. Alguns só existem no formato impresso própria Biblioteca Antônio Torres. A Catedral, A Diamantina, A Estrela Polar, A Família Maçônica, A Floresta, A Gazeta, A Idea Nova, A Verdade, A Voz do Norte, Cidade de Diamantina, Decreto, Diamantina, Diário do Rio, Folha do Dia, Gazeta Tijucana, Jornal do Comércio, Liberal do Norte, Monitor do Norte, Nova Diamantina, O Aprendiz, O Arariboia, O Atomo, O Azorraque, O Beija-Flor, O Canarinho, O Cathólico, O Conciliador, O Correio de Minas, O Demolidor, O Diamante, O Diamantinense, O Diamantino, O Echo do Serro, O Futuro, O Imparcial, O Itambé, O Jequitinhonha, O Momento, O Mucury, O Município, O Nordeste, O Normalista, O Norte, O Novo Argos, O Operário, O Peixe Vivo, O Perereca, o

Piruruca, O Porvir, O Pygmeu, O Restaurador, O Sete D’Abril, O Tambor, O Tempo, O Tic Tac, Pão de Santo Antônio, Sete de Setembro, Voz de Diamantina, Voz do Povo, Voz Feminina, entre outros, são títulos que testemunham a vida do Tejuco e região do Vale do Jequitinhonha e são amplamente consultados por pesquisadores.

Esta biblioteca também guarda outra peculiaridade que a coloca como privilegiada para a discussão das *práticas informacionais*: um edifício tombado pelo IPHAN antes mesmo da criação da biblioteca e da constituição da coleção documental e bibliográfica. (IPHAN-MG, S/D).

Do ponto de vista de seus usuários a instituição é vista, ao longo de sua trajetória histórica^{iv}, como um misto de museu, arquivo e biblioteca à medida que os próprios usuários se identificam como estudantes, visitantes, consulentes e pesquisadores. O caráter patrimonial é aquele que se apresenta para os visitantes da Biblioteca. Ao tomarmos a edificação, localizada no centro de Diamantina e considerada como uma construção singular do chamado período colonial mineiro, podemos dizer que ela representa a função de um *museu*. É algo perceptível ao receber visitas agendadas e espontâneas de diversos públicos (estudantes, professores, excursionistas, grupos organizados por agências, etc.) que percorrem os cômodos da “Casa” descritos por um/uma funcionário/a da biblioteca que chama a atenção para detalhes como a conservação de um balcão de “procedência mourisca” fechado com treliças e que se projeta, no segundo andar do edifício, para a rua juntamente com duas outras sacadas em madeira. Este balcão é identificado como uma forma original de Muxarabiê, “destinado a assegurar a ventilação, sobra e maior privacidade, sobretudo às mulheres” (Livro do Tombo, p. 108). A visita apresenta a estrutura interna do prédio com grande pátio contornado por varanda e pequenos cômodos nos quais estão acomodadas as coleções documentais e bibliográficas. A parte inferior do edifício é apresentada como um “local onde os escravos ficavam”.

A tentativa de aprofundar alguns detalhes desta narrativa oral sobre o edifício, ou encontrar outras narrativas sobre o prédio da Biblioteca, por meio de referências bibliográficas e documentais existentes na própria Biblioteca, resultou na apresentação por parte do funcionário responsável de atas, revistas, livros de memórias, todas as referências muito genéricas. Neste conjunto de obras de referência se confirma que a doação do prédio à União foi feita “no ano de 1942 por Virgínea Neto Aguiar, sendo tombado pelo IPHAN em 28 de junho de 1950 através do Processo Nº 429-T-50, Inscrição

Nº 372, Livro de Belas Artes, folha 75”. Não há detalhes sobre as condições físicas da casa naquele momento, também não há dados sobre a doadora. Da mesma forma, não foi localizado o processo ou outra documentação sobre a casa. Naquele momento da investigação, toda questão relativa à pesquisa documental era remetida ao Escritório Regional que fica em outro edifício, a chamada Casa Chica da Silva, sede do Escritório Regional do IPHAN. Outra pesquisadora que demandava documentos sobre o tombamento de outros edifícios e que se encontrava na sala de consulta nessa mesma ocasião também foi orientada para que procurasse o escritório regional.

Em outro momento da investigação foram realizadas quatro entrevistas com os usuários escolhidos a partir de um “mapa” construído a partir das observações e pela visita realizada por estudantes da educação básica. Priorizou-se dois profissionais que testemunham a rotina da Biblioteca há mais de trinta anos^v. Também foram entrevistados dois pesquisadores, um jovem e outro um professor universitário com maior experiência de pesquisa.

O principal objetivo das entrevistas era traçar uma história do usuário com a Biblioteca. A usuária, que também responde pela gestão do espaço à medida que o escritório regional se encontra em outro imóvel, quando perguntada sobre o que mais impressiona aqueles que visitam o edifício, construiu uma *tipologia dos visitantes* a partir de suas impressões e conhecimentos adquiridos ao longo de muitos de trabalho na instituição. Para ela, são diferentes “categorias de visitantes”:

Tem aquele esporádico, que está na cidade, vê o prédio e sobe. O que a gente tem é uma visita guiada. (...). Tem vários tipos de visitantes, tem aquele que mal escuta o que você está falando e tem aquele que quer saber dos detalhes de tudo. Quer saber até porque aquela fechadura é assim. É prazeroso quando a gente pega esse visitante que quer saber de tudo. Tem a visita de escolas. Geralmente são agendadas.

P- As escolas de Diamantina têm vindo?

R- Em geral tem vindo. Depende muito do professor. São os mesmos professores. Eles mudam de escola e continuam vindo. Vem escolas particulares de outras cidades. Tem uma aula-passeio da universidade aqui. Visita/aula, a gente explica toda a biblioteca e no final o professor explora alguns documentos. É uma aula temática. Ele vem dá uma aula prática e utiliza a biblioteca. Mostra os documentos, os jornais, como é feita a higienização, a conservação como é feita, os materiais que a gente usa. (Usuário 1)

Esta separação entre os visitantes e os pesquisadores é apontada no Livro de Registro, que contém poucas informações, basicamente a data, o local de origem do usuário e se se trata de uma pesquisa ou visita. A partir dessa anotação os responsáveis encaminham uma primeira abordagem na sala de consultas.

Os imóveis públicos tombados em Diamantina e vinculados diretamente ao IPHAN têm um histórico bastante intrigante. Disputas entre o público e o privado, entre o poder municipal legislativo, executivo e o IPHAN levam à demora da definição legal sobre o tombamento do casario. O prédio do Muxarabiê, ao que indicam as pesquisas de Julião (2008), Oliveira (2016) e Fassy (2016), seria a sede do Museu do Diamante. Pelo que informa um telegrama do diretor do IPHAN o processo de tombamento foi concluído em 1950 e só em 1954 estava pronto para receber o Museu do Diamante.

P- A visita aqui na Biblioteca mantém uma certa regularidade? Como é?

R- Bem menos que o Museu, mas sempre tem turistas.

P- O turista ele vem com a referência da Biblioteca ou ele fica sabendo quando chega aqui que é uma Biblioteca?

R- Ele vem sabendo por meio de sites, nas próprias pousadas eles ficam sabendo dos pontos turísticos. A casa do Muxarabiê. O prédio. Vem mais pelo prédio, eles chegam aqui para ver a Casa do Muxarabiê e não a Biblioteca, não sabem que aqui funciona uma biblioteca (Usuário 2).

Outro visitante também se impressiona com o prédio

R- O primeiro contato que eu tive com a Biblioteca Antônio Torres foi através do Ensino Médio, com minha professora de História, a Sophia (tem um sobrenome grego), ela sempre levava a gente. Eu lembro só dela, acho que no Ensino Médio a gente veio aqui umas duas vezes (...) E quando a gente conhece a BAT da maneira que é apresentada. Foi uma visita guiada quando eu vim e foi uma maneira assim de conhecer a história de Diamantina. O prédio tem peculiaridades, o Muxarabiê. Não sei se me influenciou, mas com certeza me encantou das primeiras vezes que eu vim.

P- O que mais chamou a atenção na época? O prédio? Os livros?

R- Principalmente o que eu me lembro, a discussão se na época do Ensino Médio, se a parte da Biblioteca de baixo era uma senzala, ou não.

Especulavam que aqui era uma senzala, a gente não sabia. Quando eu entrei aqui, olhava e ficava imaginando, a parte de baixo e eu ficava imaginando como era a circulação de pessoas ali a situação das pessoas. Imaginava a quantidade de conteúdo historiográfico, claro que eu aprendi esse termo depois, mas a quantidade de história que tem aqui na Biblioteca (Usuário 3).

O impacto da arquitetura não é menos importante para outro usuário, que se identifica como pesquisador da biblioteca.

P- Para você a Biblioteca Antônio Torres aparece com essa ideia de um museu, de um arquivo e ou de uma biblioteca? Essa questão faz diferença para a pesquisa?

R- Olha, por um lado eu não posso dizer que faz diferença para a pesquisa, faz, mas depois de um primeiro momento com a biblioteca eu passei a me relacionar com a Biblioteca como um arquivo, como uma instituição como arquivo. Meu interesse principal na Biblioteca é como um arquivo porque ela contém um acervo que me interessa como pesquisador e me forneceu elementos importantes para as minhas pesquisas. (...) Estando lá para pesquisar eu acho que essa situação de uma casa que teve vários usos ao mesmo tempo é algo interessante, gostoso de viver eu acho que ambientação colabora com o sentido que a gente com a pesquisa e um pouco

estranho eu falar isso, mas estar naquele lugar parece que me exige um certo comportamento por estar ali, certo respeito aquele lugar (Usuário 4).

Os quatro usuários ressaltam o papel específico da Biblioteca em sua formação profissional e pesquisas, bem como o papel de documentos específicos só existentes na biblioteca, como a coleção de jornais de Diamantina dos séculos XIX e XX. O atendimento cuidadoso dos funcionários e seu conhecimento das coleções também são ressaltados nas entrevistas. Entretanto, estar presente em um local que foi objeto de vários usos e práticas no passado e que carrega uma dimensão de deslocamento temporal, de questionamento das experiências de estar no tempo presente, imediato, mas influenciado por processos que estão em outras situações e condições, provoca novas experiências aos usuários para além das demandas de uso da própria informação.

Um quadro teórico e metodológico favorável ao diálogo entre as áreas de museologia, biblioteconomia, arquivologia e ciência da informação pode ajudar na compreensão de questões que ficam na fronteira, ou numa zona de confluência entre a empiria e a teoria, um pensar sobre os princípios e ambiguidades das práticas que organizam os diversos campos nos quais as instituições se configuram e se diferenciam para os usuários, sujeitos de práticas de visita, pesquisa, estudo e leitura.

A questão que se coloca para o estudo de uma Biblioteca cujo edifício e o próprio acervo podem ser considerados “patrimoniais”^{vi}, do ponto de vista de um *olhar informacional*, ou seja, dos diversos sujeitos que se interessam por suas coleções, ou que apenas visitam seu prédio, é de aprofundar suas particularidades associadas a sua função social. A biblioteca Antônio Torres é então um conjunto de fontes e práticas passíveis de investigação no campo da Ciência da Informação, entendida como campo teórico e empírico capaz de fazer dialogar com as similaridades e diferenças entre as instituições arquivos, museus e bibliotecas em práticas interdisciplinares em cenários profissionais e de formação teórica.

Examinar as *práticas informacionais* implica em discutir essa vertente “patrimonial” da Biblioteca a partir da relação com seus *usuários*. No caso aqui apresentado, em que medida ela se aproxima ou se distancia, ao longo de sua trajetória, de diferentes públicos ou *sujeitos informacionais*. Um primeiro olhar sobre a biblioteca é aquele dos estudantes de Educação Básica que formam um público em visitas escolares ao longo dos anos. A Biblioteca está aberta a esse público e é apresentada com uma

narrativa oral sobre o prédio e o acervo da biblioteca. Alguns aspectos dessa visita são analisados a seguir.

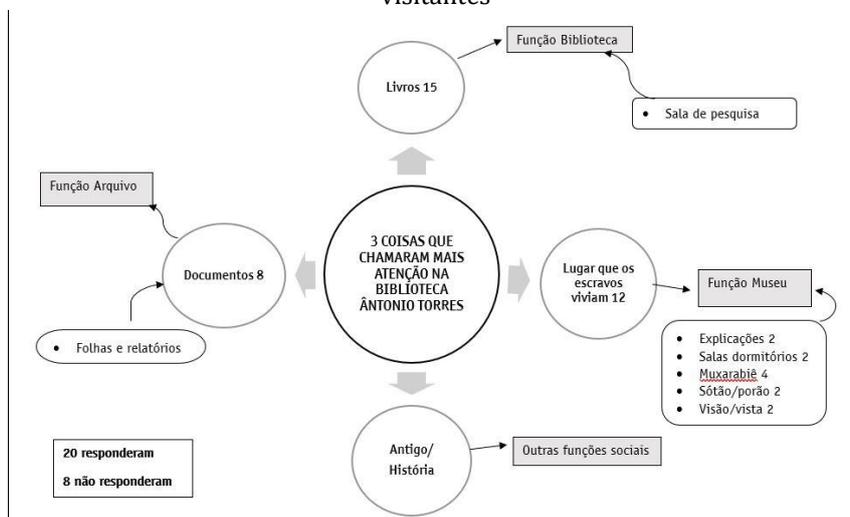
A visita ocorreu como parte de um projeto desenvolvido em escolas públicas na cidade de Diamantina, cujo objetivo central era potencializar ações educativas de interpretação do patrimônio, apropriação e usos dos bens preservados considerando os estudantes. Uma das visitas realizadas ao chamado “centro histórico” por estudantes de uma escola localizada fora do circuito do tombamento e as atividades desencadeadas em sala de aula, como desdobramento, são aqui utilizadas para debater os significados atribuídos por uma turma de estudantes da educação básica à Biblioteca Antônio Torres frente ao conjunto dos locais visitados e ao que viram durante a visita. O instrumento utilizado foi um inquérito pós-visita, respondido em sala de aula, cujo primeira parte era composto de questões gerais sobre o número de vezes que visitou cada ponto da cidade e o que mais gostou em cada um deles. A intenção aqui é destacar o momento da visita à Biblioteca, mas é importante considerar que o circuito foi realizado a pé, saindo do bairro e percorrendo os principais pontos de referência turística, passando pela Casa da Glória, onde funciona o Centro de Geologia Eschwege, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo prédio do Campus I da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), pelo Hotel Tijuco, um dos prédios projetados em Diamantina pelo arquiteto Oscar Niemeyer, pelo Museu do Diamante, pelo Mercado Velho, local onde ocorrem eventos culturais e feiras artesanais, e pela Biblioteca Antônio Torres.

O grupo totalizou 28 estudantes, acompanhados por sete universitários, uma professora da escola e por mim, professora da universidade e coordenadora do projeto. Ao longo do percurso foram dadas explicações, pelos estudantes universitários, acerca dos prédios e lugares que compõem o circuito do tombamento. Muitos dos estudantes da educação básica não sabiam ao certo a história e os usos dos espaços presentes na caminhada, por isso foi elaborado com antecedência um roteiro para explicar cada ponto durante a passagem. Acostumados à rotina de sala de aula, ou mesmo não estando presentes nesses ambientes, a maioria dos estudantes não sabia dizer a função social desses locais. No inquérito pós-visita se confirmou essa visão. Apenas dois estudantes conheciam ou já haviam visitado os monumentos destacados, indicaram que já haviam visitado o Museu do Diamante duas vezes, a Casa da Glória e a Biblioteca Antônio Torres uma vez.

Após percorrer vários pontos da cidade, realizar uma pausa para o lanche no Mercado Velho que fica na Praça Barão de Guaicuí, foi realizada a visita à Biblioteca Antônio Torres, ou Casa do Muxarabiê. O prédio está localizado em terreno estreito e ocupa todo o terreno. Há um pátio quase retangular e vai até os fundos do terreno com estrutura em pau-a-pique parcialmente substituída por alvenaria de tijolos.

Após a visita foi aplicado em sala de aula um instrumento de registro e avaliação composto de dezenove questões divididas em três partes que poderiam ser respondidas, ou não, pelos estudantes. A primeira parte solicitava informações básicas sobre idade, gênero e anos de escolaridade. A segunda parte avaliava o número de vezes que visitou cada ponto turístico e solicitava que o estudante escrevesse três coisas que mais gostou de cada um dos locais. Foram listados o “Centro histórico de Diamantina”, a Casa da Glória, O Museu do Diamante e a Biblioteca Antônio Torres. A terceira parte do inquérito avaliava visitas a museus^{vii}. Quando perguntados quais dos pontos visitados eles mais gostaram, as respostas ficaram divididas entre o Mercado Velho, o Museu do Diamante e a Casa da Glória. A Biblioteca foi apontada por apenas um estudante.

Figura 1 - O que mais chamou a atenção na visita à Biblioteca Antônio Torres - Inquérito visitantes



Fonte: Esquema elaborado pela autora

Dos 28 estudantes que participaram da visita à Biblioteca Antônio Torres apenas dois já a haviam visitado. Entretanto, em apenas uma visita os estudantes da educação básica parecem identificar as três “funções” da Biblioteca Antônio Torres. Quando

perguntados, após a visita, sobre as três coisas que mais gostaram na Biblioteca as respostas foram “livros”, “o lugar que os escravos viviam” e os “documentos”.

Ainda que possa parecer óbvio relacionar livros a biblioteca, esta associação na Biblioteca Antônio Torres não é tão evidenciada. Há livros nas salas ao longo de dois corredores laterais, mas a biblioteca prioriza sua coleção documental, seus usuários habituais são consulentes especializados em história local e regional e não há empréstimos de livros. Entretanto, esta “função” de uma biblioteca pode estar no imaginário dos estudantes que a reconhecem ali, quer pelo nome, quer pelos objetos nas estantes de uma Biblioteca. É importante lembrar que houve um momento em que os usuários da Biblioteca Antônio Torres eram predominantes estudantes que utilizavam uma sala de leitura e consultavam enciclopédias e livros para trabalhos escolares. Também houve um curto período da história da biblioteca em que ela realizava empréstimos domiciliares.^{viii}

Os estudantes reconhecem outra “função” que podemos identificar como de um museu, ainda que eles não tenham visitado outros museus. O fato do local ser identificado como uma “senzala” chama muito a atenção e o destaque para tais peculiaridades faz com que seja lembrado no pós-visita. A visão e a vista das sacadas também chamam a atenção, todos querem ver a rua do segundo andar, ver de dentro do Muxarabiê, percorrer as salas e ir do sótão ao porão. A casa é percebida neste momento como um museu e não como uma biblioteca.

A terceira “função” que os estudantes podem experienciar é a de um arquivo. Não exatamente aquele arquivo que os pesquisadores utilizam, mas eles também são apresentados a folhas e relatórios antigos que classificam como “documentos”. Tudo isso marcado pela ideia de o centro da cidade e seu casario ser lugar do “antigo”, da “história” diferente do local onde moram, que é “novo”.

Podemos inferir que os jovens estudantes reconhecem nesta instituição uma diversidade de *práticas informacionais*. Pelo olhar dos estudantes pode-se deduzir que há um usuário específico de arquivo (consulente), de museu (visitante) ou de uma biblioteca (leitor). Este usuário pode ser uma mesma pessoa, ou vários sujeitos que realizam diferentes práticas como a leitura e reprodução de um trecho de um documento, uma mirada pelo casarão da biblioteca, identificando seus usos no passado, ou anotações a partir de um livro referência ou de memorialistas sobre a cidade de Diamantina.

4 CONCLUSÃO

Ao observar uma biblioteca e seus usuários pode-se concluir que suas atividades cotidianas talvez não tenham sido suplantado um modelo patrimonialista dos “tesouros”, a serem custodiados, ou um “modelo tradicional tecnicista”, no tratamento dos acervos. No caso da instituição destacada nesse artigo, a Biblioteca Antônio Torres em Diamantina (MG), é importante ressaltar que esta instituição não apresenta em suas ações cotidianas uma separação rígida entre as funções de arquivo, biblioteca e museu e, menos ainda, não se apresenta claramente a diferentes públicos com todas as potencialidades pedagógicas decorrentes da riqueza de linguagens documentárias e seus conteúdos específicos. Inclui-se também a questão do próprio edifício, entendido como parte do acervo e objeto de práticas específicas de interpretação pelos usuários/visitantes. Não se trata apenas de estratégias da Biblioteca para criar visualidade, mas de uma materialidade/lugar central na própria lógica da instituição que se apresenta neste caso mais museológica que bibliográfica ou arquivística. Os conteúdos (acervos documentais, bibliográficos e coleções) colocam-se dentro de um plano, se apresentam simbolicamente e são aceitos socialmente como parte de uma cultura universal e voltados a um público universal, uma vez que a própria cidade se define como patrimônio da humanidade.

No caso da instituição destacada nesse artigo, a Biblioteca Antônio Torres em Diamantina (MG), inclui-se também a questão do próprio edifício, entendido como parte do acervo e objeto de práticas específicas de interpretação pelos usuários/visitantes. Não se trata apenas de estratégias da Biblioteca para criar visualidade, mas de uma materialidade/lugar central na própria lógica da instituição que se apresenta neste caso mais museológica que bibliográfica ou arquivística. Os conteúdos (acervos documentais, bibliográficos e outras coleções) colocam-se dentro de um plano, se apresentam simbolicamente e são aceitos socialmente como parte de uma cultura universal e voltados a um público universal, uma vez que a própria cidade se define como patrimônio da humanidade.

Considerando uma tentativa de sair do nível representacional para pensar os atores sociais e suas práticas informacionais, os estudos de usuários se aproximam, em um primeiro momento, da abordagem que tematiza uma biblioteca que ainda não atingiu uma digitalização mínima de seus acervos e que é tratada de maneira quase

individualizada no que se refere às necessidades de mediação profissional junto aos usuários. Um ambiente informacional que, quanto ao *uso* e acesso, aprofunda uma vertente patrimonial da Biblioteca e as consequências de uma tipologia nas suas atividades cotidianas, implicando na percepção de como os seus atuais usuários podem ampliar esse uso social e público da biblioteca.

A Biblioteca entendida como um lugar onde texto e leitor ainda se encontram: pesquisadores, curiosos, silenciosos e falantes. Ela faz circular entre aqueles que procuram seus espaços uma preocupação com uma dimensão pública da leitura e uma tradição que abraça um projeto intelectual que considera a conservação do gesto da leitura necessária frente a outros gestos de dispersão da experiência.

Ao reforçar o lugar de seus atuais usuários como consulentes a biblioteca invoca sua função de preservação. O usuário possível nestes termos é um pesquisador especializado com bastante tempo para se dedicar a consulta no local. Entretanto, como procuramos mostrar a própria instituição entende e atende outros públicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G.O. (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: Abrainfo, 2014.
- ARAÚJO, C.A.Á. et al. Consolidação do diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: a contribuição brasileira. **Bibliotecas. Anales de Investigación**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 207-217, jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.bnjm.cu/index.php/anales/article/view/4250>. Acesso em 23 jul. 2018
- ARAÚJO, C.A.Á. Um mapa da Ciência da Informação: história, subáreas e paradigmas. **ConCl. Conv. Ciência da Informação**. São Cristóvão, SE, v.1, n.1, p. 45-70, maio/ago.2018.
- ARAÚJO, C.A.Á. A perspectiva de estudos sobre os sujeitos na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e documentação da UFRGS**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 213-238, jan./jun. 2013.
- ARAÚJO, C.A.A. Estudos de usuários da Informação como campo potencializador das aproximações entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. *In*: MURGUIA, E.I; RODRIGUES, M.E.F. (org.). **Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação: identidades, contrastes e perspectivas de interlocução**. Niterói: Editora da UFF, 2012. V2, p.181-202.
- ARAÚJO, C.A.Á. Um mapa dos estudos de usuários da informação no Brasil. **Em questão**. v.15, n.1.p.11-26, jun./jul,2009.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: **Encontro Nacional De Pesquisa em Ciência da Informação**, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-

Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CUNHA, M. B. Metodologia para estudo dos usuários da informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, 1981.

FASSY, M.M. **Museu Do Diamante, Diamantina, MG: o projeto de construção de uma identidade nacional por meio da criação de museus em Minas Gerais pelo SPHAN nas décadas de 1940-1950**. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usos e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Investigación sobre usuarios y realidad de la gestión de unidades de información. Interacciones posibles y necesarias. In: MURGUIA, E. I.; RODRIGUES, M.E.F(org). **Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação: identidades, contrastes e perspectivas de interlocução**. Niterói: Editora da UFF, 2012. (Coleção Estudos da Informação, 2). p. 181-202.

JORNAL Voz de Diamantina. Ano III, n.18, Diamantina, 1º de agosto 1954.

JULIÃO, L. **Enredos museais e intrigas da nacionalidade: museus e identidade nacional no Brasil**. Tese (Doutorado), Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH/Departamento de História, 2008.

SPHAN. Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Livro do Tombo**, 1938, p. 108.

MOREIRA, F.M.; DUARTE, A.B.S. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v.11, n.1, p. 169-178, 2016.

OLIVEIRA, L.A. **Antiquário, coleções particulares e religiosa na origem da instituição do Museu do Diamante, Diamantina, MG**. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Ciências Humanas), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

PAVIANI, J. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul: EDUC, 2013

PEREIRA, T.I. A vida ensina: o “saber de experiência feito” em Paulo Freire. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, p. 112-125, jun. 2017. ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6896>. Acesso em: 18 jul. 2018. doi: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.6896>

PINHEIRO, L. V. **Usuário-Infomação: o contexto da ciência e da tecnologia**. Rio de Janeiro: LTC/IBICT, 1982.

ROLIM, E. A.; CENDÓN, B.V. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero**, v.14, n.2, p. A06, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/11781>. Acesso em: 24 Jul 2018.

SAVOLAINEN, R.; WILSON, T.D. Social phenomenology. In: WILSON, T. D. **Theory in information behaviour research**. 2013, p. 141-158.

SILVA, J. L. C. Perspectivas sociais em biblioteconomia: percepções e aplicações. In: **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. SPUDEIT, D. F. A. O. MORAES, M.B. (org.). São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 278 p.

NOTAS

ⁱ Outra perspectiva diferente da aqui adotada é apresentada por Schutz (1964, p. 93) que trabalha com o conceito de experiência prática a partir de conhecimentos socialmente distribuídos por tipos ideais: “o homem da rua”; o “cidadão bem informado” e “o especialista”. Citado por SAVOLAINEN e WILSON (2013, p.143)

ⁱⁱ “A obra de Paulo Freire é referência em suas concepções antropológicas, epistemológicas, políticas e éticas, ofertando premissas teóricas que oportunizam a reconstrução do conhecimento a partir da realidade concreta das classes populares”. Ver PEREIRA, 2017, p. 112-125.

ⁱⁱⁱ A pesquisa documental não levou a muitos indícios para o período que vai da fundação da Biblioteca em 1954 até a década de 1990, quando temos pastas com fichas de empréstimos de livros, Livros de Visitas e Termos de Empréstimo e Requerimentos de Documentação que permitem levantamento de dados sobre os diferentes tipos de usuários.

ⁱⁱⁱ Entendemos que os servidores podem ser identificados como os principais usuários uma vez que eles são aqueles que promovem as exposições durante as visitas, organizam documentos elaborando instrumentos de busca e auxiliam nas pesquisas na sala de consulta. Três entrevistas foram realizadas na própria Biblioteca e outra no local de moradia do usuário.

ⁱⁱⁱ Ainda que a legislação de proteção esteja limitada ao prédio e não ao conjunto de suas coleções documentais.

ⁱⁱⁱ Este questionário foi utilizado em outros trabalhos e apresentações produzidos pelo grupo de estudos ligados ao PIBID-História da UFVJM.

ⁱⁱⁱ Informações obtidas por meio entrevista com funcionário da Biblioteca Antônio Torres.

^{iv} A pesquisa documental não levou a muitos indícios para o período que vai da fundação da Biblioteca em 1954 até a década de 1990, quando temos pastas com fichas de empréstimos de livros, Livros de Visitas e Termos de Empréstimo e Requerimentos de Documentação que permitem levantamento de dados sobre os diferentes tipos de usuários.

^v Entendemos que os servidores podem ser identificados como os principais usuários uma vez que eles são aqueles que promovem as exposições durante as visitas, organizam documentos elaborando instrumentos de busca e auxiliam nas pesquisas na sala de consulta. Três entrevistas foram realizadas na própria Biblioteca e outra no local de moradia do usuário.

^{vi} Ainda que a legislação de proteção esteja limitada ao prédio e não ao conjunto de suas coleções documentais.

^{vii} Este questionário foi utilizado em outros trabalhos e apresentações produzidos pelo grupo de estudos ligados ao PIBID-História da UFVJM.

^{viii} Informações obtidas por meio entrevista com funcionário da Biblioteca Antônio Torres.